

# O HERALDO

Anúncios, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS Semestre, 70 centavos (700 réis)  
Número avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição  
e Impressão

TIPOGRAFIA DO HERALDO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

AVENÇA  
Ex.º Sr.  
Antonio Maria Dias  
Digno Presidente da Camara Municipal de  
ALCOUTIM

## BOATOS

Lisboa é a terra dos boatos e dos crédulos. Não ha boato que não circule, por mais absurdo que seja, por mais facil de destruir por um momento, apenas, de raciocínio. O lisboeta recebe de um amigo, surpreende numa conversa de «americano» adivinha na passagem de um «mentidero» qualquer novidade. Não discorre, não analisa, contribue para a circulação da mentira, da estupidez lançada pela malevolencia ou pela imbecilidade. Uma vez sem fundamento de especie alguma, outras com deformação inverosimil de verdade, o boato corre, galga as ruas, insinua-se pelos cafés, sobe as redações, ás vezes volta multiplicado, pelas tiragens dos jornais, não estaca senão de cançado, quando outro boato surge. Muitos o contam porque precisam de conversar e a carencia de ideias e de conhecimentos impede-os de tratar de quaisquer assuntos sérios: outros sentem o dever de se mostrar bem informados; alguns exploram com a credulidade, a preguiça cerebral dos nossos concidadãos, alarmam o espirito publico, impellem contra qualquer entidade as correntes de opinião, forjam a calunia subtil ou soez, arma que conserva toda a sua potencia corrosiva que eles, como Bazilio, não desconhecem.

Em tempos de guerra, mentiras por mar, mentiras por terra. A proposito de tudo se inventa, a fertil imaginação cria as notícias aterradoras, os desastres aparecem irremediáveis. Uma vez na politica interna, outras nas relações internacionais, repetidamente acerca dos nossos valorosos soldados que na França e Africa defendem a Patria, o boato aparece, modifica-se, amplia-se, exalta as curiosidades, levanta o arroudo; nos soalheiros multiplos desta terra de «senhoras ysinhas» as linguas exercitam-se. Todos os dias vapores que tranquilamente seguem a sua viagem são torpedeados pelos boatos. O rol de honra engrossa desmesadamente, os conflitos complicam-se, a Inglaterra abandona-nos, a França ameaça-nos, a Espanha invade-nos!!!

A discussão de um projecto de mobilização das classes letradas, até aos 60 anos, é motivo para vermos, já barra fóra, todos os que, numerosos em Portugal, se vangloriam com a carta selada e ornamentada de um curso. Não pensam um momento em que tendo de modificar-se uma parte importante da organização militar tinhamos que prever uma mobilização geral.

Inquietam-se todos os cobardes, todos egoístas, prevendo um cataclismo porque eles terão de cumprir um dever sagrado para todos nós—defender a nossa Patria. Torna-se sombria a visão das coisas, obscurecem-se as perspectivas, todo o horizonte é de negrumes. E' porque eles tem de marchar. Então, inventam e enumeram os males multiplos, o abandono dos nossos campos, o despovoamento das cidades, as gerações futuras

comprometidas, porque vai para a guerra tudo o que é válido em Portugal. Os países em luta, que como nós combatem pela propria existencia, concentram as suas energias na guerra de hoje, porque viver ou morrer depende da victoria. Tudo o que pode utilmente empregar-se na obra da defesa é arregimentado. Partem uns para a frente da batalha, trabalham os outros nas industrias da guerra que sobre todas as outras predominam.

Fizemos uma ligeira mobilização, muito inferior em percentagem a todas as outras, acertámos as nossas coisas para o caso de uma mobilização geral, que só terá lugar na hipotese arredada de uma invasão, e os boatos fervilham; os medrosos insurgem-se, os egoístas clamam. E todos eles assopram a corneta do boato, espalham pela cidade, as vozes multiplas da fantasia esquentada.

A nossa Lisboa ensolada e risnha, contente nas suas janelas floridas de cravos e no deslumbramento dos seus jardins perfumados de grandes rosas, a nossa, Lisboa tem uma atmosfera propicia aos boatos e nos mil mentideros que contem, as gentes entreteem-se a inventar fabulas absurdas, fabulas idiotas. Ha tantos vadios em Lisboa, assegura o sr. Celorico Gil! Em alguma coisa não de eles passar o tempo, nesta Lisboa garrida, donde partem, como nas caravellas de outrora, tropas portuguesas que vão, cheias de esperança, animadas da fé mais viva nos nossos destinos, afirmar a vitalidade eterna da raça portuguesa.

Henrique de Vasconcelos.

## Crónica citadina

### VARIA

Desarmar-se mastros por esses largos, agora que a folhagem entristeceu e Sam Pedro, vagaroso e tropeço passou, ao som lamuriendo do folé e do irritante campainhar dos ferrinhos...

Dias quentes, noites calmas e negadas de luar e um incessante fervilhamento de boatos nestes ultimos dias de Junho. O «diz-se», em plena lua cheia, o «diz-se», acrecido ao fantástico volume de repelin; o «diz-se» elevado a quintaessencia potencial e quasi tão grande como a força que impulsiona a pata lenitica, eis a caracteristica da semana.

Enumerar o enxame de boatos, que quasi naves passageiras cruzaram o nosso horizonte politico seria mais facil do que contar os lumes prontos do céu, as areias do mar ou mesmo as da terra...

Todos sabem que o «diz-se» é assim uma especie de «bichimina» de boatos desdobrável em fitas mais ou menos vistosas e flamejantes, mas, tal qual sucede a quele prodigio da pirotecnica indigena, preses-se apaga.

Foi o que aconteceu aos boatos: diluiram-se, apagaram-se e de tal forma que hoje já ninguém mesmo se lembra de que eles passaram, fortes, mordentes, quasi tão causticos e perversos como a nuvem de mosquitos que ás noites desce sobre a cidade e penetra nas alcovas, a sugar o sangue rubro das nossas gentis burguezinhas, cuja epidemia tatua de minuscultas rosetas acarinadas.

Engrandecendo todos estes flagelos sobre o pluvitivo abateu uma verdadeira intoxicação de «spleen» de esmagante aborrecimento!

Foi por isso, sem duvida, gentil Leitor, que tu não o obrigaste naronda dos curiosos que te viam, saltar as fogueiras de Sam Pedro, em gestos de salamandra

graciosissimo, enquanto teu primo, muito cioso—Tu deves, com certeza, ter um primo muito cioso...—pretendia a viva força que fossem só para ele os seus olhares impregnados de ternura e os seus risos de flor enlodada pelos effluviós subtilissimos da noitada velho Santo Pescador...

LYSTER FRANCO

## EXAMES

Sob a presidencia do sr. Lyster Franco, director da Escola Industrial e Commercial de Faro, tendo como vogais, os professores srs. Henrique Mateus Cançado e Raul Marques Carneiro, terminaram no dia 29 os exames finais da 1.ª disciplina (Escreitura Commercial).

Foram admitidos a exame: Maria José Ramos Bandeira, Antonio Joaquim Moreira Junior, Armando Gonçalves, João Bernardino da Silva, João Mendes Madeira Junior e José da Silva Pereira, os quais obtiveram a classificação final de aprovados com 15 valores (bom).

## Ezequiel Pereira

Referindo-se a este nosso presadissimo amigo e illustre colega, que concorreu a Exposição de Arte no Palacio de Cristal do Porto, escreve o «Primeiro de Janeiro»:

«Continuando hoje estas rapidas anotações, não devemos esquecer o talentoso pintor do sul, sr. Ezequiel Pereira. E' na verdade, um forte e seguro temperamento. Discipulo de Carlos Reis, as suas telas destacam-se pela nota pessoal, que o artista lhes comunica. Os campos do Alemtejo, a região preveligiada que Fialho fixou, na sua prosa de aquafortista poderoso, interpreta-os o seu pincel, num tom de sinceridade profunda, exprimindo a vibração quente duma alma de colorista, amante da luz. «Ornos, Ponte e Casal» são notas picturais de valor, que devem fixar-se com simpatia.

São de todo o ponto justas, estas palavras, mas contem uma inexactidão, de certo involuntaria, que nos apressamos a rectificar:

Ezequiel Pereira nunca foi discipulo de Carlos Reis. Ambos estes artistas foram discipulos de Silva Porto, o grande Mestre da paisagem portuguesa, cujas lições Ezequiel Pereira tão proveitosamente seguiu, que é ainda hoje, para muitos e para nós, também, o unico continuador da obra do Mestre, no que ela tem de maior subtilidade e sinceridade emotiva.

## A GUERRA

Mateus Moreno

De terras de França, onde se encontra ha dois mezes honrando a Patria sob a farda de official de artilharia, escreve-nos o nosso presado amigo Mateus Moreno, director da conceituada revista «A Alma Nova» uma carta repassada de patriotismo.

Ficamos fazendo votos pela realização de todas as aspirações de Mateus Moreno, que são também as de todos os portugueses; isto é: uma pronta victoria para os aliados.

### Em acção

Damos a seguir os ultimos comunicados referentes ás nossas tropas:

«O comunicado inglês assinala que os contingentes portugueses tem, nestes ultimos tempos, resistido eficazmente a todas as tentativas inimigas, nos sectores confiados a sua guarda. Chegou, pois, para nós, a occasião de saudar a presença dos valorosos aliados no nosso «front».

«Pela primeira vez, ontem, o comunicado official inglês dá conta da presença das tropas portuguesas e da sua actividade.

«O comunicado britânico menciona que as tropas portuguesas no «front», ou mais exactamente no «front» inglês,

tem, desde o principio deste mes, sustentado e repellido varios ataques.

«E' a primeira vez que menção official é feita de um contingente português combatendo com os exercitos ingleses, como os russos combatem com os nossos.

«No primeiro dia em que Portugal decidiu entrar na guerra ao nosso lado, foi resolvido também o envio de um corpo expedicionario para o «front» occidental e desde Janeiro 1917 o estado maior português estava em Paris e, de acordo com o estado maior francês, estabelecia o plano da organização de forças importantes, comandadas pelo general Tamagnini.

«As tropas portuguesas, conduzidas para o «front», receberam o batismo de fogo na brilhante offensiva que entregou aos nossos aliados a cinta de Vimy. Essas tropas estão hoje perfeitamente aguerridas e acabamos de saber, com satisfação, que contribuirão para repellar os ataques alemães.

Comquanto tenha sido dada a maior publicidade, quer por intermedio da imprensa, quer por intermedio das autoridades administrativas, ao Decreto n.º 2498 de 11 de Julho de 1916, que estabelece as condições em que as familias das praças convocadas para serviço extraordinario, tem direito ao abono das subvenções que o mesmo decreto criou, são novamente avisadas as praças e suas familias que tenham direito áquella subvenção e que ainda a não tenham requisitado de que o devem fazer desde já, a fim de aproveitarem as vantagens que o alludido decreto lhes concede, pois que, em breve, serão tomadas as medidas necessarias para a liquidação de contas.

Ler na segunda pagina

## A casa branca nau preta

por  
Fernando PessoaDirector de «Orpheu»,  
Cabral do Nascimento

O distincto poeta que é Cabral do Nascimento, acaba de oferecer-nos a sua interessante «plaquette» As tres princezas mortas num palacio em ruinas, lindos poemas que o Poeta superiormente moldou em formosos sonetinhos ricos de ritmo e de originalidade.

Agradecemos, penhorados, e prometemos mais ampla referencia quando a tirania da falta do espaço nos consentir.

## O que são os aliados

OPINIÃO «INSUSPEITA» DUM JORNAL ALIADO

O jornal «Nachrichten», de Hamburgo, diz que a Alemanha não pode unir pelos aliados inimigos outro sentimento que não seja o de incalculavel desdém, pelos seguntes motivos que a titulo de curiosidade reproduzimos:

«Os Russos são barbaros, que vão para a guerra simente com o fim de praticar os mais horrendos crimes.

Os franceses a quem o seu governo snbija na presente occasião com azurrage, são na opinião de Voltaire semi-tigres e semi-macacos. Sujos e ignorantes no tempo de paz, conseguiram celebrisar-se na presente guerra tratando com selvageria mulheres, crianças e inumeros prisioneiros alemães.

Os italianos, são uma nação absolutamente putrida.

Os ingleses são hypocritas, mentirosos, bandidos e ladões.

Concluidos dos «bunches»!

Almas santas, puras como o vinho colonial oito dias depois do barril aberto na cantina, são, ainda tão modestos que, para que lhes chamem valiosos, não fazem alarde das suas «humanitarias» qualidades!

Dizem dos outros o que, se deles dissessem, não diriam tudo.

Mas desculpem os subditos do Kaiser!

E' a agonia, o delirio da febre, é a morte que delas se abeira e os faz dizer dos outros um pouco do que todos nós deles devemos dizer!

## Trespasam-se

A MERCEARIA E DROGARIA  
SABATH

## Creanças e flores

Retrato dum «passado», consolações dum «presente», esperanças dum «futuro»... eis as crianças!

Despertam-nos evocações de criança suave desde que abandonamos o estalar da puericia, até ao termo da adolescencia irrequieta, quando as proprias travessuras fazem sorrir de amor as mães carinhosas.

Suaizão as aguras da vida, lenificam as dores da adversidade e secam as lagrimas das magoas quando as suas cabeceiras, de aneis dourados, se unem ás nossas, de estrigas brancas em caricias de amorosa inocencia.

Euraizam em nossas almas esperanças ridentes de que trilharão a estrada do Mundo, guiadas pela estrela refulgente do Bem, tendo por satélites luminosos a Virtude e o Dever.

E são as crianças verdadeiras flores, de gracilidade adoravel, de mimo subtil e de aroma suavissimo, que nascem no vasto jardim do Orbe terraqueo, em regaço de meiguices de Mãe e cultivadas por desvelos de Pai. Tem o esplendor da rosa-do-brada, a graça da rosa «com folhas», a afeição da rosa branca, a gentileza da rosa aveindada, o amor da rosa-musgo, a poesia da rosa brava; tem a lembrança do musgo, a estimulação do cravo, a simplicidade do goivo branco, a ingenuidade e modestia da violeta, a impaciencia do ranunculo, o amor constante da camélia, a estinú do gerânio o encanto da verbena. Tem, como as flores de maior selecção, graça, riqueza e beleza fascinate. Ha graça do seu portio mimoso e delicado; ha beleza no seu colorido infantil. Da policromia dos seus encantos sai um facto de dulcor que pacifica as inclemencias das nossas luctas, ao mesmo tempo que aromatiza as nossas amarguras, tonificando os males dos nossos corações.

Mas... flores ha em vegetação livre, sem cuidados do cultivador a protegi-las contra a neve invernosca que as mirra, os exurros procelosos que as apodrentam e o sol canicular que as abraza.

Crianças ha a quem uma estrela, de brilho embaciado, concede no seu nascimento, como «conforto» a quantura quasi só os beijos da Mãe, em tudo que elles tem de mais sublimidade, de mais amor e de mais santo!

Não tiveram rindas d'Alcáçoz a orlar a brenta alva e diabolica do seu pequenino travessiro, nem edredons penigeros ou armelinas pelagiosas em berço de cortinados—Damasco. E... quantas vezes!... a abraçador a escuridão da alvorá da natalidade... apenas a luz do olhar de Mãe... Depois... quando esse pequenino «ser» dispensa os seus materiais, prematuramente por vézes, coberto a imposições da desventura, tem a desditosa mãe que o deixar e partir em lucta pela vida, levando o coração a viver em lagrimas para não voltar porque... morreu de saudades!

E então... a criança—criatura ainda em flor, precioso rebento de amor e ternura—...

...Sorri á «Sorte» que lhe roubou a Mãe!...

E' que, na dabilidade dos seus dias, já ponde compreender nua voz que ao pequenino ouvido lhe segredara: «Tua Mãe parte... mas fica contigo a Caridade». Sentiu-se logo, envolto em manto amplexivo de abnegação e de solicitude, conduzida para nova habitação. Asilo-Creche onde se abriga e fortifica, carinhosamente cultivada pela mão de benéficas jardineiras que alimentam e coloram essa linda flor com a seiva e colorido de outra flor... a flor da «Escola»!

João do Vale.

## Cooperativa «A Providente»

Temos em nosso poder um artigo do sr. Rodriguez Aragão, acerca desta prestimosa collectividade. Não podemos publicá-lo no presente numero por já estar composta a primeira pagina quando o recebermos.

Publica-lo-hemos no proximo numero.

## LITTERATURA PORTUGUESA NO PERIODO CLASSICO

O periodo classico da literatura portuguesa começa com a reforma dos estatutos no tempo de D. João III. Ao passo que as empenhas maritimas e guerreiras excitavam os animos de uns, os estudiosos começaram a manusear os classicos gregos e latinos. O *atletismo* grego e a *urbanidade* romana entraram como agentes principais no "polimento" do idioma e na formação do bom gosto litterario.

E' a época do maior bruhantismo das letras pátrias. Aparece na aurora deste periodo, illuminando suavemente os espiritos, a poesia. Timida ainda e desadornada das galas da arte, revestia-se já exuberante do talento nas eclogas de Bernardino Ribeiro, que também nos deixou em prosa o romance—*Menina e moço*. Camões chamava-lhe o seu Ennio. Segue-se-lhe Gil Vicente, o primeiro que entre nós imprimiu na poesia dramatica o cunho particular do seculo; tomando o assunto das suas peças teatraes da historia moderna.

Francisco Sá de Miranda ganhou no seu tempo fóros de mestre. Familiarizado com os bons modelos da antiguidade classica, escreveu as suas elegias, epistolas, hinos, canções e duas comedias—os *Estrangeiros* e os *Vilhainhos*—em estilo culto e frase apurada. Estabeleceu leis sobre a harmonia metrica e introduziu o uso do endecassilabo.

Antonio Ferreira foi um illustre campeão da lingua portuguesa. Até ao seu tempo os eruditos escreviam ou em espanhol ou em latim. Antonio Ferreira revelou aos seus e ao mundo as belezas e applicões do idioma português para exprimir os mais elevados conceitos. A seu exemplo, os poetas e prosadores da época adotaram exclusivamente a lingua nacional na composição dos productos do seu talento.

Esta época, assim como foi notavel pela actividade febril de espirito guerreiro, maritimo e mercantil, não é o menos pela enorme expansão que teve a cultura das letras. Citam-se innumeráveis poetas que, com mais ou menos felicidade cultivaram a poesia portuguesa. Não houve genero nenhum de forma poetica que neste periodo classico não fosse ensaiado.

Citando-se com louvor os nomes de Diogo Bernardes no seu *Lima*, Pedro de Andrade Caminha em poesias diversas, Jeronimo Corte Real nos dois poemas epicos—*Segundo cerco de Diu*, e *Naufragio do Sepulveda*.

A todos leva a palma, com infinita vantagem o immortal cantor dos Lusitãos. Nele tem a lingua portuguesa o seu mais insigne mestre, o que a elevou a dignidade de lingua culta, o que lhe conquistou um lugar de proeminencia nos idiomas saídos da decomposição do latim. O seu poema é monumento de litteratura e um tesouro de linguagem.

A par da poesia, a historia, impulsio-nada pelo mesmo movimento, teve entre nós tão eximios cultores como João de Barros na sua *Asia* que escreveu em lingua pura e em estilo elegante e enérgico. *Damão e Goés*, que escreveu as crônicas de D. João II e de D. Manuel. Fernão Lopes de Castanheda, autor da *Historia do Descobrimento e Conquista da India pelos Portuguezes*. André de Resende, que escreveu em latim—de *Antiquitates Lusitanae*—e em português a *Historia da Antiguidade da Cidade de Évora*.

São ainda classicos distintos deste periodo—Jeronimo Osorio, Fernão Mendes Pinto, Duarte Nunes de Leão, Frei Heitor Pinto, Amador Arrais e João de Lucena.

Nestes dous ramos de litteratura se illustrou Portugal neste periodo classico.

A eloquencia exhibe nesta época productos de somenos importancia. Citam-se, apenas, como dignos de leitura dous panegiricos de João de Barros, os *Sermões* de Diogo de Paiva de Andrade, os de Frei Luiz de Granada e os de Frei Fernandês Galvão.

Um estudioso.

## O QUE DIZEM OS MESTRES

### A andorinha

Esplendava-se no cristal de um lago a esplendorosa luz da estrela da manha, que refulgia lá no alto azul.

Estrela e imagem: duas belas gemas da mais pura agua, lagrimas tombadas talvez dos olhos melancolicos de alguma virgem apaixonada, nos mundos d'além.

Viu-as, de madrugada, uma andorinha, vagabunda, que se divertia a roçar com as azas de prata a sombra das graúdas rosas desabrochadas, que se inclinavam beijando os nenúfares.

—Oh! se eu pudesse engastar aquela

## FUTURISMO

(INÉDITO)

### A CASA BRANCA NAU PRETA

Estou reclinado na poltrona, é tarde, o verão apagou-se...  
Nem sonho, nem scismo, um torpor alastra em meu cerebro...  
Não existe avaria para o meu torpor nesta hora...  
Ontem foi um mau sonho que alguém teve por mim...  
Ha uma interrupção lateral na minha consciencia...  
Continuam encostadas as portas da janela desta tarde  
Apesar de as janelas estarem abertas de par em par...  
Sigo sem attenção as minhas sensações sem nexo  
E a personalidade que tenho está entre o corpo e a alma...

Quem dera que houvesse  
Um estado não perfeitamente interior para a alma,  
Um objectivismo com guisos imoveis á roda de mim...  
A impossibilidade de tudo quanto eu não chego a sonhar  
Doe-me por detrás das costas da minha consciencia de sentir...

As naus seguiram,  
Seguiram viagem não sei em que dia escondido,  
E a rota que deviam seguir estava escrita nos ritmos,  
Nos ritmos perdidos das canções mortas dos marinheiros de sonho...

Arvores paradas da quinta, vistas através da janela,  
Arvores exrhanças a mim a um ponto inconcebível á consciencia de as estar vendo,  
Arvores eguaes todas a não serem mais que eu ve-las,  
Não poder eu fazer qualquer coisa genero haver arvores que deixasse de doer,  
Não poder eu coexistir para o lado de lá com estar-vos vindo do lado de cá,  
E poder levantar-me desta poltrona deixando os sonhos no chão...

Que sonhos?... Eu não sei se sonhei... Que naus partiram? para onde?...  
Tive essa impressão sem nexo porque no quadro fronteiro  
Naus partem... Naus, não: barcos, mas as naus estão em mim,  
E é sempre melhor o impreciso que embala do que o certo que basta,  
Porque o que basta acaba onde basta, e onde acaba não basta,  
E nada que se pareça com isso devia ser o sentido da vida...

Quem poz as formas das arvores dentro da existencia das arvores?  
Quem deu frondoso a arvoredo e me deixou por verdecer?  
Onde tenho o meu pensamento, que me doe estar sem ele,  
Sentir sem auxilio de poder parar quando quizer, e o mar alto  
E a ultima viagem, sempre para lá, das naus a subir...

Não ha substancia de pensamento na materia de alma com que penso...  
Ha só janelas abertas de par em par encostadas por causa do calor que já não faz,  
E o quital cheio de luz sem luz agora ainda-agora, e quasi eu...

Na vidraça aberta, fronteira ao angulo com que o meu olhar a colhe  
A casa branca distante onde mora... (O morador é abstracto.)  
Fecho o olhar e os meus olhos flos na casa branca sem a ver  
São outros olhos vindo sem estar flos nela a nau que se afasta,  
E eu parado, mole, adormecido,  
Tenho pela vista o tacto do mar lá em baixo embalando-me longe de aqui,  
Tenho-o na inconsciencia e soffro...

Aos proprios palocios distantes a nau que penso não leva...  
A's escadas dando sobre o mar inatingivel ela não alberga,  
Aos jardins maravilhosos nas ilhas inexplicadas não deixa,  
Tudo perde o sentido com que o abrigo em meu portico  
E o mar entra por os Tens olhos o portico cessando...

Casa a noite, não casa a noite, só importa a candei-a  
Por acender nas casas que não vejo na encosta e eu lá...  
Humida sombra nos sons do tange nocturno sem lua, as rãs rangem,  
Coaxar tarde no vale, porque tudo é vale onde o som doe...

Milagre do aparecimento da Senhora das Angustias aos loucos...  
Maravilha do enegrecimento do punhal tirado para os actos...  
Os olhos fechados, a cabeça pendida, contra a cunha certa  
E o mundo para além dos vitraes paisagem sem ruínas...

A casa branca nau preta...

Felicidade na Australia...

11 de Outubro de 1916.

FERNANDO PESSOA  
Director de Orpheu

grande esmeralda que lá-rutila, no ninho onde dormita o amoroso amigo!

Que lampada suave não seria para alumi-ar e encher de fulgor a modesta morada que tenho nos ramos do loureiro, feita de murtas e malvaesicos!

E fendeu os arcos com as azinhas esguias, indo posar no cimo da mais alta das murteis; sou depois, sim, muito e quanto mais espaço vencia, mais se afastava, a estrela, que empalidecia e se ocultava com a vinda da aurora.

Mas quando se esvaiu de todo, no resplendor da manha, a agridulça ambiciosa fechou para sempre as azas e veio cair morta no tranquillo lago dormiente, a cujo espelho vira luzir a grande esmeralda do céu que a tentara e venciara.

Nos sonhos a andorinha ambiciosa que subimos a perseguir um ideal que nos fugia; voamos pelo infinito da fantasia, já muito em cima asfixiamos-nos pela rarefaccção do ar que é a nossa vida, que é a mudez, a por fim vimos cair, cadaveres que inspiram dó, no espelho onde sempre reflectiu a esperança, esmaecida na nevoa de ontem que é a saudade!

Catulle Mendès.

### Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos obriga-nos a retirar varios artigos já com-postos para este numero.

Veja-se, na secção competente, o annuncio da importante Casa Santos, Limitada, de Lisboa.

## RIDENDO...

### A mulher o o amor

Por mais que digam os filosofos e os blasés, é a mulher o pensamento dominante do homem, e por isso vamos res-pigar no que têm espirito varios, psicologos sobre o assunto. Comecemos por Balzar. Diz o mestre:

Ha paixões que começam bem ou mal. Duas pessoas lançam-se na tactica do sentimento, falam em vez de proceder, debatendo-se em pleno campo, em lugar de fazer o certo, em regra. Essas pessoas são as proprias a cançar, pois agitam os seus sentimentos no vazio. Os dous apaixonados, tem então tempo de reflectir, de se julgarem. Muitas vezes, paixões que haviam entrado no campo da lica de flâmulas ao vento, fanfarronas, com um ardor capaz de transpor todos os obstaculos acabam por voltar para casa, sem victoria, desarmadas e humilhadas. Estas fatalidades são por vezes explicaveis pela timidez da juventude, ou pelos adiamentos com que se comprazem as mulheres, que debutam, porque está especie de illusões mutuas, nunca acontecem aos fatuos, que conhecem a pratica, nem ás coquettes habituadas aos manejos da paixão.

F. M.

### CANCIONEIRO DO POYO

Todas as terras dão favas,  
Só as minhas dão favinhas,  
As frangas quando se enfeitam,  
Logo se chamam galinhas.

Guiterra, minha guiterra,  
Em te ouvindo solgar,  
A minha alma comovida  
Põe-se também a chorar!

## BELAS-LETRAS

## Antologia do Algarve

### POESIA

#### EPITAFIO

(Para a campa dos filhos de Teofilo de Braga)

No jardim do coração  
Nasceram-nos duas flores,  
Mas quasi ainda em botão  
Desbotaram-lhes as côres,  
E ei-las caídas no chão...  
Onde estão nossos amores,  
E os nossos olhos estão!

#### Victor Hugo

Corre a nação aflicta  
A ver se elle está morto:  
Quem sabe? O mundo absorto  
Espera a decisão...  
Que as multidões se assomem,  
Que apalpem, tudo hesita;  
Porque era aquilo um homem,  
Um simples homem? Não!

JOÃO DE DEUS.

### PROSA

MADRIGAIS EM PROSA

## ALEIJADINHO

Compaixão! — minha senhora,  
tende-a de mim, que é razão  
o que manda o santo padre,  
faça-lo fiel cristão.

Almeida Garrett.

Arrastava-se como reptil, o triste!

As pernas atrofiadas dobravam-se-lhe, em retorções polimorficas sobre as coxas revesidas por uma especie de polainas de coiro, grosseiramente pregueadas, deixando emergir na exterioridade a articulação dos joelhos, deformada e repelente nas suas pustulas rubras e escamosas...

As calças tinham largos fundilhos de coiro, cosidos a pontarelos largos sobre um paño imundo, rasgado, de cor indefinida, e coberto por uma espessa crosta de lama.

Vestia uma camisa esfarrapada, deixando ver, aqui e além, a carne macilenta, coberta menos pelos andrajos sujos do que pela vermina da miseria...

A cabeça uma vulgaridade tipica... Um cráneo assimetrico, faces glabras e desproporcionadas; massetères desenvolvidos e umas orbitas profundas guardando uns olhos sem expressão, parados e estupidos...

Rastejava, impellido o corpo á força dos musculos dos braços, esticando os grandes peitorais em contrações tão rapidas e nervosas que lembravam o estre-cer convulso dum condemnado a estrebuchar...

E as suas mãos grosseiras seguravam uma especie de sócos do feito das escovas de piagaba...

Atravessava as ruas e as estradas, silencioso, como se lhe desse prazer o matraquear das suas lúvas de pau, mas, assim que a via alguém, aproximava-se e dizia numa cantilena repassada de amargura:

—Uma esmolinha pelo divino amor de Deus! Tende do de tanta miseria! Tende do!

Um dia, um poeta sonhador encontrou-o no caminho.

Assaltou-o logo o aleijado, atirando os arcos com a sua lamurenta supplica e foi sócorrido.

Estrada fora, depois de ter resmungado um longo agradecimento, foi-se embora o triste aborto vivo, rastejando como um reptil e deixando após de si uma grande nuvem branca de poeira.

O poeta ficou muito pensativo.

Assaltou-o logo o aleijado, atirando os arcos com a sua lamurenta supplica e foi sócorrido.

Assaltou-o logo o aleijado, atirando os arcos com a sua lamurenta supplica e foi sócorrido.

Assaltou-o logo o aleijado, atirando os arcos com a sua lamurenta supplica e foi sócorrido.

Assaltou-o logo o aleijado, atirando os arcos com a sua lamurenta supplica e foi sócorrido.

Assaltou-o logo o aleijado, atirando os arcos com a sua lamurenta supplica e foi sócorrido.

Assaltou-o logo o aleijado, atirando os arcos com a sua lamurenta supplica e foi sócorrido.

Assaltou-o logo o aleijado, atirando os arcos com a sua lamurenta supplica e foi sócorrido.

Assaltou-o logo o aleijado, atirando os arcos com a sua lamurenta supplica e foi sócorrido.

Assaltou-o logo o aleijado, atirando os arcos com a sua lamurenta supplica e foi sócorrido.

Decerto o seu olhar não sentira nunca a forte embriaguez das aereas perspectivas do infinito...

Nunca as suas pupilas, que a luz interta da loucura vagamente animava, haviam sabido procurar num entusiastico arrebatamento de ave sedenta, um suavis-simo olhar de mulher!

Algumas moedas de cobre limitavam-lhe o ambito das aspirações...

Homem-besta, conhecia apenas as sensações grosseiras... Não havia, no cráneo do pobre aborto vivo, senão a prova evidentissima, traduzida em mil anomalias, de estar lá dentro miseravel e afilivo, um cerebro doente e torturado...

Ele, não! Naturalmente poeta e sonhador, tinha o orgulho de compreender o que os outros não entendiam, adivinhava o grande sentimentalismo disperso pelas coisas e, quando não sabia exteriorisar as suas impressões, guardava-as no sacrario augusto da sua alma, quasi infantil, para ali, como em região de misteriosos sonhos, viver com elas e só para elas...

A totalidade das côres, do estilo e do ritmo, se não as sabia definir, traduziam-se inefavelmente em seu espirito idealista e sonhador, arco-irisando-lhe os pensamentos...

Mas não era tudo isto uma grande deformação da alma? Não podia toda aquela impulsividade, que o animava á contemplação e compreensão de coisas em que os outros nem sequer atentavam, considerar-se uma forte retorção espiritual?

Sim! Era infeliz! Muito infeliz! Muito infeliz!

Aumentando aquelas dôres cruciantes que o alanceavam, uma linda imagem de Mulher, prepassando luminosa e serena como estrela vespertina no horizonte do seu sonho, viera dominar-lhes todos os pensamentos...

E, perante aquela Divina Aparição, miragem deslumbrante duma felicidade impossivel, ele, —pobre poeta, sonhador!— sentia que uma poderosa e extranha força o amesquinhava mais, muito mais por certo do que todas as influencias atavicas aquele miseravel aleijadinho da estrada...

Esse era bem mais feliz!...

Podia exhibir á luz do sol, as suas chagas e deformidades... fazer suas supplicas em voz alta á toda a gente!

Ele, não!...

Pobre mendigo de amor, só espiritualmente, e como numa prece ardentissima mas talvez incomprehendida ou ignorada é que podia dizer:

Tende do de tanta miseria! Es-molai, Senhora Linda, um lampejo do vosso olhar!

LYSTER FRANCO.

### Pensamentos duma rainha

E' lapidada uma mulher por uma accção que um homem perfeitamente de bem pôde praticar. A mulher deve suportar o amor; padecer para ser mãe, partilhar os cuidados do homem; dirigir-lhe a casa, educar-lhe a familia, e ainda por cima ser bonita e amavel. Como é que se pôde falar ainda de sua fraqueza?

A todos os mortaes se concede um alin-

gua e até uma pena para se defenderem. Só aos soberanos se exige que sejam como Deus, que se deixa injuriar sem dizer palavra.

Muitas vezes se citam as palavras da Biblia: «Não vos fieis nos príncipes!» e esquece-se o fim da frase «porque são homens».

A felicidade é uma taça. Leva-a aos lábios, oh! mas não bebas depressa que ha travo no fundo.



## C. SANTOS, LIMITADA

Lisboa—Rua Nova do Almada 80-2.º

Telefone—n.º 695 telegramas—Boamenal

## OILDAG—SUAS VANTAGENS

A economia produzida pelo emprego constante metódico do OILDAG, de mistura com óleo, nos motores de automóveis é tão sensível que, sem receio de desmentido, que a economia do óleo atinge, por vezes, 50% do consumo primitivo.

Em motores de lubrificação automática embora os fabricantes aconselhem a limpeza do óleo depois de um determinado percurso não há receio de gripagem (fazendo-se essa limpeza depois de um percurso dobrado ao aconselhado por estes fabricantes).

Em motores cuja lubrificação é por

barbotagem a economia não sendo tão sensível atinge, contudo, entre 30% e 40%.

Todos os resultados obtidos com o OILDAG são verificados em absoluto ao fim de 1000 a 1500 kilometros, mas é notável o aumento de compressão dentro dos cilindros e o menor consumo de gasolina no fim de 100 kilometro e economia esta que atinge por vezes 15% a 20% do consumo primitivo.

Experimentar o OILDAG é usá-lo e todos os automobilistas, ao rogar no seu próprio interesse, um pedida a título de experiência, que muito gostosamente satisfaremos.

## VELAS "REFLEX,"

Estas velas são, pela sua especial fabricação, infalíveis, assegurando um trabalho constante mesmo em motores que, por norma, queimam muito óleo.

Elas próprias, e automaticamente se

limpam. As velas REFLEX isem por sobre qualquer outra, dobrada existência São, por consequência, 50% mais baratas.

Cada 1200

## AUTOMÓVEIS

## MAXWELL

O carro de conveniência. O verdadeiro carro utilitário para 6 passageiros.

Todos com iluminação, busins e mise-en-marche electricas por dynamo.

## STUDEBAKER

O carro de turismo por excelência. O rei dos carros americanos. O máximo conforto. Carros com todos os acessórios.

Pneus Michelin O melhor Sempre stolt

Klaxons, vulcanisadores e tudo que possa interessar os senhores automobilistas

Thermoid—SEMPRE EM STOCK

## LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE

## ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Ex-empregado da Livraria Popular

Depositar das primeiras casas de Lisboa, Porto e Coimbra

Faz as mesmas condições de revenda que as próprias casas Editoras

## LIVROS DE ENSINO

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Todos os livros próprios pelos preços de Lisboa

Instrução secundaria—Escolas normaes e liceus

Deposito de todas as publicações para os alunos destes cursos

Pedir o catalogo dos livros oficialmente aprovados que é remittido gratuitamente

## Literatura, poesia, teatro e sociologia

Todas as obras completas de Camões, Boécio, Garrett, Herculano, Castilho, Rebelo da Silva, Camillo Castelo Branco, Abel Botelho, Gomes de Amorim, Pinheiro Chagas, Sêna Freitas, Fialho de Almeida, Gomes Leal, Oliveira Martins, Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, D. João da Camara, Campos Júnior, João Chagas, Juko Dantas, Malheiro Dias, Julio Diniz, Candido de Figueiredo, Faustino da Fonseca, Alfredo Gahis, Guerra Junqueiro, Alfredo Keil, Augusto da Lacerda, Lopes de Mendonça, Marcelino Mesquita, Conde de Amos, Conde de Monsaraz, Mario Monteiro, Ramalho, Ortigão, Bulhão Pato, Eça de Queiroz, Antero de Quental e Padre Antonio Vieira.

Edições completas dos escritores algarvios João Lucio e Ataíde de Oliveira dos escritores estrangeiros Victor Hugo, Pierre Loti, Emilio Zola, Conan Doyle, Alexandre Dumas, Flamarion, La Fontaine, Maximo Gorki, Blasco Ibanez, Paulo de Kock, Kropotkin, Lamartine, Larousse, Sienkiewicz, Tolstoi e Julio Verne.

Agente geral no Algarve das publicações da RENASCENÇA PORTUGUESA

## Figurinos, jornaes de modas e recortes

TODAS AS EDIÇÕES NAS ONAES E ESTRANGEIRAS

Assinaturas para todos os jornaes romances nacionaes e estrangeiros

## Aviso importante

Ququer requisição dirigida a esta livraria será rapidamente atendida. Todas as pessoas que desejarem algum livro desta casa devem mandar a sua importância em vale do correio. Se não houver na casa os livros que requisitarem, pede-se imediatamente aos editores.

## ALUGUER DE LIVROS

Todos os alugadores deixam em deposito a importância do livro alugado. Quando o restituirem deixarão 20 por cento, e receberão o restante da importância que depositaram.

Façam todos os pedidos ao livreiro

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Livraria das Novidades

Rua D. Francisco Gomes, 40

FARO

Franco de porto

Jeronimo Dias Barbosa

IMPORTADOR-EXPORTADOR

CHIBUT

Gaza—Africa Oriental

Merceria e Padaria, artigos para

Europeus e Indigenas

Quinquilherias

## Recebem-se estudantes

Optimo alojamento com luz

própria, excelente mesa.

Preços módicos

Rua Manuel de Arriaga n.º 19

(em frente do Liceu)

FARO

## A ILICANTE, RODOLFO SILVA

Loulé

O estabelecimento cujo sortido primoroso das mais chics novidades se impõe a todas as pessoas de bom gosto.

Na volta do correio serão executados todos os pedidos que da rovincia sejam endereçados a

Rodolfo Silva—Loulé

## HOTEL AMARO

ALBUF IRA

As proprietarias deste hotel participam aos seus ex.ºs Freguezes que mudaram o seu hotel para novo edificio apropriado ao fim, situado no aprazivel Largo da Meia

Laranja.

Todos os quartos independentes e com luz propria

CONFORTO E ACEIO

AS PROPRIETARIAS,

Enestina da Piedade Amaro e Raquel do Sacramento Amaro.

## CANOÍDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos especiais de Higiene, Oftalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL, OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças dos olhos, boca e dentes

Dentes artificiaes

CONSULTAS TODOS OS DIAS

EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 46

FARO

## Moto F. N.

4 cilindros em bom estado vendem Marques & Vaz Velho Limitada FARO

Enxofre Americano a receber brevemente Vendem Marques & Vaz Velho Limitada FARO

Estanho

Vende-se Garcia R.—R. do Ouro 274. Lisboa.

## Casa

Com oito ou dez compartimentos espaçosos, precisa-se.

Carta a esta redacção.

## ANUNCIO

Anuncia-se a venda do moinho chamado—do Sobradinho.

Está proximo da linha ferrea e tem terreno que serve para edificações. prestando-se também para construção de fabrica ou marinha.

Recebem-se propostas em carta fechada no escritorio do sr. Parai-zo Pinto, rua de Santo Antonio n.º 61 A, até 15 do proximo mez de Junho.

## FABRICA INDUSTRIAL L. DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

Rua Infante D. Henrique, 100

FARO

Construção de poços Artesianos—Vendem-se materiais para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

## Instrução Secundaria e Profissional

Livros escolares do professor

DR. RIBEIRO NOBRE

Tratado de Química Elemental (8.ª Edição). Um volume de 400 páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO:—1250

Obra util e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciência: as teorias químicas são metódicamente tratadas em separado com a máxima clareza e bastante desenvolvimento, e parte descriptiva a rica na indicação de experiências atraentes e preparações de verdadeiro interesse na vida prática; e os problemas fundamentais da química elementar estão cuidadosamente tratados em accção especial acompanhados de modelos literaes e exemplificações numericas da disposição dos cálculos. Este compendio contém as matérias dos programas officiaes para o ensino da química em todos os institutos de instrução secundaria e profissional, e foi adoptado em seguida a sua primeira publicação em quasi todos os liceus e seminários, no Instituto Industrial e Commercial do Porto, e em diversas escolas normaes, industriais, commerciaes e agricolas, continuando a ser o compendio preferido por distintos professores.

Lições de Física do curso geral dos liceus e escolas normaes (13.ª Edição). Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 402 gravuras. PREÇO:—1240

Este compendio, dividido pedagogicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Commissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentado no concurso de 1899, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus e escolas normaes por Decreto de 17 de novembro, publicado no *Diario do Governo* n.º 261 do mesmo anno. Foi novamente escolhido para o ensino do curso geral dos liceus pela Commissão official no concurso de 1909 (*D. do G. n.º 192*), e revalidada a sua approvação em 1912 pela Portaria de 2 de julho. Cada lição é acompanhada de um questionario que subestime a presença de professor e facilita a revisão das matérias estudadas. Além disto, tambem no fim de cada lição, em cuja materia podem ter lugar applicações numericas, se encontram enunciados problemas muito lances que notavelmente contribuem para a clara compreensão dos assumptos da respectiva lição. — O seu metodo essencialmente indutivo, experimental e pelo seu caracter elementarissimo, este compendio possui particular vantagens para se adquirirem sem fatica nem difficuldade as primeiras noções exatas da física, encontrando-se por isso adaptado não só ao curso geral dos liceus e ao curso das escolas normaes, mas tambem ao ensino ministrado nos seminários, nas escolas elementares industriais e nas de commercio e agricolas.

Tratado de Física Elemental (11.ª Edição). Um volume de 14: páginas no formato 22x15cm com 752 gravuras PREÇO:—2200

Este excelente livro de Física foi preferido por unanimidade pela Commissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados no concurso geral de 1895, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no *Diario do Governo* n.º 218 do mesmo anno. Foi novamente o unico livro proposto para o ensino lical complementar pela Commissão official no concurso de 1909 (*D. do G. n.º 192*) e revalidada a sua approvação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está inteiramente accomodada a revisão geral do curso da Física nos liceus de harmonia com as instrucções que acompanhavam os programas do curso complementar, pois, além das matérias novas mencionadas nos programas da 6.ª e da 7.ª classe, contém as matérias das classes anteriores, de termina com uma desenvoltura e metódica colleção de 277 problemas numericos abrangendo todos os assumptos da Física acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas empregadas na sua resolução.

Estas obras, que têm sido preferidas em concursos officiaes de livros de ensino o que estão vulgarizadas em escolas de Portugal e do Brazil, acompanham os progressos das ciencias fisico-químicas encorajando-se actualizadas com a inserção das doutrinas sobre as modernas e importantissimas descobertas, tais como a da fotographia das cores, da fotographia através dos corpos opacos ao raio X, das correntes de alta frequência, das radionoductores, da telegrafia sem fio e da radiotelegrafia. Os principios e doutrinas teóricas, as experiências demonstrativas, as applicações practicas e os problemas numericos, estão expostos por forma que imprimem a estes livros a sua caracteristica clareza e a moderna orientação pedagogica, tornando-se simultaneamente apropriados ao ensino teorico e pratico, a disciplina do espirito e aos trabalhos de laboratorio. São tambem livros úteis fora dos cursos escolares: o amador da fotographia encontra os conhecimentos sufficientes (receptos e processos) para principiar a typographia com segurança e bom resultado, o telegraphista encontra os conhecimentos das recepções dos corpos e da electricidade indispensaveis a sua profissão, e todas as pessoas que desejam adquirir noções dos fundamentos da natureza encontram elementos que devem satisfazer as exigencias do seu espirito.

COIMBRA—Livraria Franca Amado, Rua Ferreira Borges, 115.

## LIVROS: Publicaram-se os tomos 64 e 65 da HISTORIA UNIVERSAL de Oncken, o mais completo e científico repositório da historia da humanidade.

Dirigir pedidos para assinatura a AILLAUD, ALVES & C.—Livraria Aillaud e Bertrand, Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA.

## Novidades literarias

## MEMORIA

do 1.º Congresso das Obras Catolicas do Algarve em homenagem ao Senhor D. Francisco Gomes do v. e. l.º no 1.º centenario do seu falecimento 1816—1916 celebrado em Faro nos dias 8, 9, 10 e 11 de Fevereiro de 1916.

Um volume em grande formato, contendo todos os discursos proferidos no Congresso, um relato minucioso de todos os actos do mesmo, repositórios das diferentes associações de instrução piedade e caridade estabelecidas no Algarve, uma estatística de todo o movimento religioso da Diocese, acompanhado de uma esplendida fotographia de D. Francisco Gomes e um mappa-topographico da diocese e provincia do Algarve.

Vende-se ao preço de esc. 1350 na Tipographia «União»—Rua Tenente Valadim—Faro—e nas Livrarias da cidade.

## CAIXEIRO

PRECISA-SE de um com pratica de balcão, bom expediente, na Cooperativa A PREVIDENTE em Faro. Ordenado regular, exigem-se boas referencias.

## VENDEM-SE

VACAS TOURINAS, PARIDAS DE FRESCO

JOÃO DE SOUZA ROMÃO

VILAREAL DE SANTO ANTONIO